ANNO 1.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1921 N.º [illegible]

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.)—Endereço telegrafico D/iboa

CONTINUA enigmatica a personalidade do dr. Afonso Costa. Volta ou não volta á actividade politica?

Não obstante dizer-se há dias que ele estaav mais que nunca resolvido a desinteressar-se de Portugal, agora há quem afirme, com certo calor, que o seu regresso está proximo. Em presença da nossa desgraçada situação financeira, sente-se disposto aos grandes sacrificios. Alguem da sua intimidade diz que ele lastima constantemente que a sua obra na pasta das finanças fosse prejudicada por loucuras e dispendios que são verdadeiros crimes.

* * *

CHEGA ámanhã, no rapido da noite, o sr. dr. Alvaro de Castro. O directorio do P. R. N. reune na proxima semana para definir a sua atitude politica. Sabemos que os reconstituintes vão entrar numa fase de combate ao governo, secundando assim o gesto dos democraticos.

* * *

O SR. dr. Fernandes Costa reassumiu hoje as funções de presidente da Junta do Credito Publico.

* * *

ALGUNS parlamentares liberais afirmaram-nos que vão levantar no parlamento a questão do contrato do carvão. E' assunto da exclusiva responsabilidade do sr. Fernandes Costa, que, segundo dizem, não foi tratado em conselho de ministros.

* * *

O CASO de Macau atribue um significado especial á nossa participação na Conferencia de Washington. Os Estados Unidos favorecem o ponto de vista chinês, a Inglaterra o nosso.

* * *

NÃO faltará quem no Parlamento queira saber quais as casas bancarias e bancos que compraram cambiais por conta do governo ou a quem este as comprou directamente.

* * *

CONTINUA a ser um assunto de inexgotavel interesse o melhor aproveitamento da nossa frota mercante.

—Anda coisa no ar! disse-nos há pouco alguem que tem um faro admiravel para estas coisas.

* * *

O *Diario do Governo* publicou hoje o decreto n.º 7:734 o qual proibe que, durante dois anos, em todo o concelho de Monforte, se faça a caça á perdiz e á lebre por grupos de mais de oito caçadores, em cordão ou em batidas. De 1 de Setembro a 15 de Dezembro, não se poderá usar o furão na caça ao coelho.

* * *

HOJE, á meia noite, os relogios atrazam-se uma hora.

E' o unico espaço de tempo que as oposições não querem disputar ao governo.

Dum coração sabemos nós que um desgosto de amor fez atrazar tanto que agora não encontra meio de regular bem. Se o sr. Nunes da Mata praticasse a medicina espiritual, recomendar-lhe-íamos os seus fusos horarios.

* * *

JA' se diz que para a fiscalisação do contrato vai ser nomeado um *grão bonnet* do partido liberal. Quem será?

A SENSIBILIDADE DAS PESSOAS PRUDENTES

O *Diario do Comercio* publicou ontem um artigo, assinado por Q. J., intitulado —*Reservas dos portugueses no estrangeiro* em que se advoga a necessidade de fazer voltar ao paiz o muitissimo oiro que portugueses guardam lá fóra, em bancos da sua confiança. Diz o *Diario do Comercio* que esta é uma das causas principais da situação gravissima a que chegaram os nossos cambios e toda a economia nacional.

Que motivos levaram os cautelosos e ambiciosos a proceder assim?

—«Todos sabem como se fez essa verdadeira sangria do corpo nacional. Muitos exportadores deixaram lá fóra uma grande parte do produto das suas exportações, o que já representava uma anomalia grave. Mas ao mesmo tempo numerosos individuos das classes mais abastadas compravam libras, dollars, francos, pesetas, liras e marcos para depositarem em bancos estrangeiros.

Em tudo isto, uns queriam constituir reservas, julgadas seguras, fóra do paiz, na previsão de que sobrevenha cá dentro uma derrocada tremenda. Outros queriam fugir á possibilidade de virem ainda impostos de guerra pesadissimos, depois da desordem financeira em que temos vivido. Ainda outros, em grande numero, pretendiam fazer especulações cambiais. A seu tempo converteriam esses capitais em outra moeda, até mesmo em escudos portugueses, quando a oportunidade o aconselhasse com bons lucros.»

Estas palavras que transcrevemos, porque representam a expressão da verdade, sintetisam um aspecto revoltante da nossa crise—o egoismo defendendo-se das sugestões do amor ao bem comum. Grandes comerciantes, poderosos industriais e simples particulares endinheirados, esquecendo-se de que a hora que atravessamos exige de todos pesados sacrificios, trataram de precaver-se contra quaisquer encargos ou surpresas desagradaveis, transferindo ou guardando no estrangeiro os seus capitais. Houve mesmo quem, com um descaramento indesculpavel, não tivesse duvidas em pregar em publico como medida patriotica esta fuga ao dever de homem e de cidadão português. Se os nossos governos merecem asperas censuras pela incuria inexplicavel a que votaram a administração financeira, os que empobreceram o nosso mercado de capitais não são menos culpados.

Leiam-se ainda estes periodos do *Diario do Comercio*:

—«Esta observação economica e financeira do nosso paiz está inculcando que uma das nossas primeiras necessidades é a do regresso desse ouro de portugueses. Estes, que de mais a mais continuam em geral a fazer explorações e a ter lucros em Portugal, devem ser a isso levados, espontaneamente ou pelas providencias adequadas. Assim o exige claramente a solidariedade economica, fiscal e social de todos os cidadãos. Assim o reclama a obra inteira da nossa restauração, fomento e progresso.»

Entre comerciantes

(De «Jugend»)

—Desengane-se. Só a monarquia pode salvar-nos.
—Claro. Manteiga a vinte mil réis só os principes nos podem pagá-la.

CERCA das 23 horas de ontem, quando em frente do Coliseu dos Recreios, alguns milhares de pessoas esperavam o começo da segunda sessão de uma revista que o publico consagrou, deu-se um incidente que não pode deixar de ser registado. Porque as primeiras filas dos que esperavam, pretenderam romper, no primeiro patamar das escadas do atrio, o cordão de porteiros e policia que se opunha á sua passagem, dois dos soldados de cavalaria da G. N. R. que patrulhavam a rua, resolveram sem mais aquelas entrar por ali dentro, com enorme perigo para quem estava. Houve desmaios, gritos de crianças e correrias.

Este caso dispensa comentarios. O que não podia dispensar era a publicidade, para que não ficasse desconhecido do sr. comandante da G. N. R.

* * *

SABEMOS que o sr. general Norton de Matos se acha muito magoado com a atitude do sr. ministro das colonias na questão do aumento da circulação fiduciaria para Angola. A manter-se o sr. Ferreira da Rocha na atitude que assumiu e continuando as dificuldades que o sr. Norton de Matos está encontrando para a realização do seu plano de fomento somos informados de que o Alto Comissario se verá obrigado a pedir a demissão do seu cargo.

* * *

O GRANDE desastre de hoje—o do predio que abateu para as bandas de Campo de Ourique—vem confirmar a criminosa negligencia e imperdoavel ganancia duma grande parte dos mestres de obras de Lisboa. Está dito e redito que a maioria das construções modernas, deixam tudo a desejar.

Oxalá que o triste exemplo de hoje sirva ao menos para despertar a sensibilidade das autoridades, fazendo-lhe ver a necessidade absoluta de se organizarem rigorosas vistorias.

* * *

O CRUZADOR «Vasco da Gama» prepara-se para ir á Italia representar Portugal na comemoração do soldado desconhecido. E' muito possivel que, depois de alguma demora, siga para Macau, a exemplo do «Republica» e «Carvalho Araujo».

* * *

O NOVO ministro do Comercio propõe-se resolver definitivamente a questão dos Transportes Maritimos.

Com tal idéa na cabeça, talvez o sr. Curson não tenha tempo para subir três vezes com sossego as escadas do seu Ministerio.

* * *

FICOU hoje assente, depois duma conferencia entre o sr. Lisboa de Lima e o sr. ministro do comercio, que os trabalhos preliminares da representação portuguesa na Exposição do Rio de Janeiro se efectuem na Sociedade de Geografia.

* * *

SE a abobada dos Jeronimos ruir, devemos mandar reconstrui-la pelo sr. Adães Bermudes, que sempre teve a mania de respirar pelos monumentos de grande altitude.

ARISTIDES BRIAND FALA AO POVO FRANCÊS

O CHEFE DO GOVERNO PRONUNCÍA, NA SUA TERRA NATAL, UM DISCURSO DE UMA ALTA IMPORTANCIA POLITICA

O PRIMEIRO MINISTRO DA FRANÇA FAZ O APELO DA SOLIDARIEDADE MUNDIAL PARA O EQUILIBRIO DA SITUAÇÃO FINANCEIRA—A ORIENTAÇÃO POLITICA DO GOVERNO FRANCÊS—O CUMPRIMENTO DO TRATADO DE VERSAILLES

O sr. Aristides Briand, presidente do conselho francês, visitou há dias Saint-Nazaire, a sua terra natal, acompanhado pelo ministro da Marinha. Foi pitoresca e simbolica a revista que os dois ministros passaram a todas as embarcações do porto de Saint-Nazaire. Em seguida, no grande hall da Companhia Transatlantica, o sr. Briand pronunciou, diante de 1.000 convidados que assistiram ao banquete de homenagem que lhe foi oferecido, um discurso que, pela sua importancia, quasi todos os jornais de Paris transcreveram na integra. O presidente do conselho francês, ao mesmo tempo insinuante, ironico, terno, sarcastico, indignado, subjugou e fez passar o auditorio por todas as fases da admiração. Dizia-se em voz baixa: «Ah! que orador! E, sobretudo, que actor!» Briand cruza as mãos sobre o peito, num gesto de ardente patriotismo, e diz todo o seu amor pela França. Começou assim o seu discurso:

«Meus caros concidadãos: Agradeço ao sr. prefeito do Loire-Inferior, ao meu colega e amigo sr. Sibille, ao meu velho amigo o *maire* de Saint-Lazaire, os desejos de boas vindas e as palavras de confiança que tiveram a amabilidade de me dirigir. Agradeço-vos a todos, meus caros concidadãos, o acolhimento, ao mesmo tempo tão simples e tão profundamente cordeal, que me fizeram hoje».

A infancia de Briand em Saint-Nazaire —Manda a tradição...

Briand recorda a sua infancia na pequena cidade de Saint-Nazaire e faz contrastar o descuidoso tempo da sua mocidade com o dia de hoje, em que lhe assenta sobre os ombros o pesado fardo da governação publica. E acrescenta, em seguida, algumas palavras, que os nossos homens do governo não devem deixar de ler:

«E' uma felicidade para mim ter de fazer hoje aqui honra a esta bela tradição do nosso regime democratico, que, na hora em que os representantes do país se preparam para retomar os seus trabalhos, manda vir o governo diante deles e diante do país dizer o seu pensamento, a direcção segundo a qual orientou e entende continuar a orientar a sua politica, fazer conhecer ao país as profundas razões que tem em depositar confiança no governo e em não lhe faltar com essa confiança, digam o que disserem.»

Depois de ser vivamente aplaudido, Briand sublinha:

«Nas circunstancias presentes, o primeiro ministro da França não tem sómente necessidade de toda a confiança do seu país, de toda a autoridade que ele lhe possa dar, tem precisão de que essa autoridade não seja diminuida á face do mundo.»

O primeiro ministro da França põe a questão internacional

Briand passa em revista o papel da França na grande guerra e põe a questão internacional nos seus devidos termos. E' necessario que os chefes responsaveis da Republica Francesa possam falar com toda a autoridade na presença dos representantes das potencias. Afirma em seguida que o governo tem procurado, com vontade firme, manter a França numa paz de equilibrio, não querendo abusar da fôrça que lhe emprestou a vitória e prosseguindo tão sómente no triunfo do direito.

«Ah! eu sei bem que esta politica não arrasta essas grandes correntes misticas que fazem estremecer os povos, que os exaltam e os entusiasmam, mas que, *hélas!* muitas vezes os levam a temeridades donde saem ensanguentados, mutilados, por vezes arruinados.»

Aplausos calorosos sublinham estas palavras do sr. Briand, que se refere em seguida ao tratado de Versailles, respondendo ás acusações daqueles que afirmam que o governo não tem sabido aproveitar as clausulas do tratado. No dia em que se desfizesse o acôrdo entre os aliados, o tratado de Versailles ficaria sem valor. E, por isso, o sr. Briand afirma:

«E' uma necessidade para mim executá-lo de pleno acôrdo com os nossos aliados e se, depois da guerra, em plena vitória, êsse acôrdo custou concessões, como querem que o governo actual, para manter as alianças, deixe de fazer algumas concessões! O tratado de Versailles é um acto colectivo que estabeleceu uma estreita solidariedade entre os aliados para a sua execução, tanto para as suas vantagens como para os seus inconvenientes. No dia em que se desfaça essa solidariedade, o tratado vacila e a execução torna-se impossivel.»

O quantitativo da divida alemã subiu a 4.000 biliões de marcos

O primeiro ministro da França faz a história da luta que o governo sustentou para que a Alemanha cumprisse á letra o tratado. A comissão arbitral de reparações hesitou em fixar o quantitativo da divida que a Alemanha tem de pagar aos aliados. Ninguem esperava pelas perturbações da divisa cambial. A divida da Alemanha era de 132 biliões de marcos; pouco depois passava para 250 biliões de marcos-papel: há um mês, em consequencia das oscilações cambiais, representava 225 biliões de francos e 2.600 biliões de marcos-papel. Hoje ela representa 4.000 biliões de marcos-papel. No espaço de algumas semanas tudo se modificou e variaram as condições de pagamento. O sr. Briand refere-se agora á solidariedade da finança mundial, faz o apêlo dessa solidariedade:

«Meus caros concidadãos, o que se passa está fora de todas as nossas previsões. A verdade é que a interdependencia economica dos povos os coloca na situação de sofrer todas as condições e todas as flutuações do cambio. Espero que ámanhã, digo-o claramente, em presença duma tal situação, os grandes industriais de todo o mundo e os grandes financeiros, aqueles que têm no espirito tantos recursos e tanto engenho, sentirão a necessidade de ser solidarios no proprio interesse de todos os paises, para chamar a atenção do mundo sobre a regularização duma situação que não terá jámais o seu equilibrio completo sem a solidariedade mundial.»

Novos aplausos sublinham as palavras do sr. Briand, que fala em seguida da amisade dos povos que é como a amisade das pessoas. Durante a guerra, houve o instinto superior da conservação; á medida que o perigo se afastou, a divergencia de interesses afirma-se. Da reunião de Londres, saiu a negativa da Alemanha, uma negativa quasí ironica na bôca do dr. Simons. E qual foi a atitude da França em presença duma resposta dilatória? O governo francês recorreu á fraqueza de um regime de concessões? Não. Ordenou imediatamente a ocupação do Rheno. Esqueceram-se dessa página que o governo registou no activo da sua politica.

«Quando reunimos pela segunda vez — continua o sr. Briand — dissémos aos nossos aliados: «Se a Alemanha não se inclina, mobilizamos uma classe para o cumprimento da sanção prevista pelo tratado». E o que se passou depois deste gesto? No dia do aniversario do tratado de Francfort, o Reich declarava: Inclino-me, aceito o «ultimatum». O «ultimatum» dizia: «E' necessario aceitar sem discutir, sem dar uma razão, sem dar um motivo: sim ou não». Foi este um dos ultimos gestos de fraqueza do governo francês.»

E o sr. Briand acrescenta depois que tem cumprido sempre á risca as indicações dos chefes militares que desempenham cargos de confiança do governo — os mesmos chefes militares que em alguma coisa contribuiram para a vitória. Exalta o heroismo das regiões devastadas, para onde todos, industriais, camponeses, operarios, voltaram no dia seguinte ao da vitória. O chefe do governo francês tem a certeza do ressurgimento da França e afirma que a politica de isolamento é hoje uma impossibilidade para qualquer país. Para a França, a força da aliança é indiscutivel. Ainda que tenham decorrido dois anos sobre a guerra há franceses que não esquecem que nas horas do perigo os soldados das outras nações estiveram a seu lado, derramando generosamente o seu sangue pela causa da França, que era a causa da civilização.

«Como chefe do governo da Republica afirmo que o meu país nunca esquecerá o concurso dos povos aliados. Em todo o caso, eu não o esquecerei.»

O chefe do governo francês fala da conferencia de Washington

Em seguida, o presidente do conselho fala da conferencia de Washington:

«Nenhum país tem mais do que o nosso o desejo de limitar os seus cargos militares, de dar ao trabalho o maior numero possivel de homens novos, mas nenhum país, mais do que a França, tem o dever de continuar armado, emquanto não se mantenha a sua segurança externa. Quem pensa em atribuir-lhe sonhos de guerra perpétua e pensamentos reservados de imperialismo?

«Já repudiámos essas acusações. Espero que, graças á nossa moderação, ninguem no mundo será capaz de acolher semelhantes calunias, mas que todo o mundo queira reconhecer que depois da ultima guerra a França tem direito ás reparações e á sua segurança. O vosso governo manter-se-há firme neste terreno. Espera do actual governo alemão o cumprimento leal dos compromissos tomados. Apraz-me confessar que até este momento não tenho o direito de dizer que o sr. Wirth, o chanceler do Reich, não tenha sido leal e não tenha feito honra á sua assinatura.»

Briand entende que ainda não chegou a hora de deixar as cadeiras do poder. Se aparecer algum homem de espirito genial que possua o segredo de fazer melhor do que ele, então não hesitará um momento e deixará o logar a esse homem.

«Moralmente, a situação do nosso país é forte. E' necessario que a França tenha confiança em si propria, que esteja segura do dia de ámanhã. Nem timidez, nem dúvidas. Nas horas mais criticas é necessaria a maxima coragem. Atravessamos momentos dificeis sob o ponto de vista financeiro; procuram-se os remedios. Há razão para fazer economias. Os desperdicios devem desaparecer. Mas vejamos: se para um individuo a economia se impõe, para um Estado o problema não é tão simples. E' muitas vezes nas horas de crise economica que um grande país como a França deve, sem hesitações, reunir todas as suas actividades, empreender todos os trabalhos necessarios á sua expansão, criar assim trabalho, força, riqueza — pensar no futuro.»

A guerra fez o milagre da união e da solidariedade entre os franceses

O sr. Briand afirma que a guerra fez o milagre de levar união e solidariedade ao seio da familia francesa, que as lutas politicas tinham prejudicado. Faz o apêlo de uma larga união entre todos os republicanos, uma união que tenha por base a sinceridade e a lealdade de todos os franceses.

«A Republica é todo um conjunto. São leis votadas, são emancipações realizadas, são promessas de progresso social. E' a liberdade das consciencias, mas é tambem o predominio laico do regime.»

O presidente do conselho francês termina o seu discurso fazendo o elogio do regime republicano, que a grande guerra acabou de consolidar. Aplausos unanimes coroaram as suas ultimas palavras.

A imprensa parisiense faz ressaltar o exito notabilissimo do discurso do sr. Briand, que foi largamente comentado por todos os jornais.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

EMPREZA HENRIQUE BARREIROS, LIMITADA

EDEN TEATRO

Companhia

Nascimento Fernandes

BREVEMENTE

PAU DE DOIS BICOS

REVISTA POR SESSÕES

TEATRO DO GIMNASIO

Companhia ALVES DA CUNHA

Em vista das ultimas enchentes

AINDA HOJE

A LABAREDA

Magistral creação de

ALVES DA CUNHA

Esplendido conjunto de desempenho em que tambem toma parte

BERTA DE BIVAR

NA PROXIMA SEMANA

O CELEBRE PINA

Reaparição de FLORA DYSON

BREVEMENTE

1.ª recita d'assinatura com a nova peça tradução de JOÃO SOLER

MARIDOS ENCRAVADOS

Continúa ainda aberta a assinatura para 6 RECITAS com peças diferentes.

HOJE—6.ª FEIRA, 14, ÁS 21,15—HOJE

TEATRO APOLO

O serão mais bem passado é o que se passa vendo os impagaveis atores Henrique Alves, Jorge Roldão, Alvaro Pereira e Armando Machado nos seus impagaveis papeis

8.ª REPRESENTAÇÃO

JOÃO D'ALGO, MAROSCA, A'S AVESSAS, PRAÇA DOS EQUIVOCOS, GRANDE EQUIVOCO, FEIRA DE LISBOA, A ZARAGATA, NOITE DE SANTO ANTONIO, POEIRA DA RUA, UM PLENO NO ZERO

São os 10 lindos e movimentados quadros de

O GATO POR LEBRE

TEATRO AVENIDA

HOJE—RECITA DA MODA—HOJE

GRANDE SUCESSO

FLORES DA NOITE

Luiza Satanella, Raquel de Barros, Maria Santos, Estevão Amarante, Alves da Silva, José Victor

UM LIVRO

A sinfonia macabra
ou
A Alemanha e o mundo

Do Direito e das leis

Scenario e figuras do numero II. Refaz-se, porem, a luz ao longo de toda a sala e através de uma janela que abre sobre extensa avenida vê-se desfilar um regimento.

VON BERNHARDI, seguindo-o com os olhos

— *Macht ghet vor Recht...* Acima de tudo a fôrça!

LASSON, *olhando tambem, abstractamente*

— Entre Estados só há uma especie de direito: o direito do mais forte.

A VOZ DE FREDERICO II, *ao Kaiser*

— Só o interesse do Estado deve servir ao soberano de regra de conducta...

Mais baixo, ao mesmo

— Apoderemo-nos da Silistria, depois encontraremos um jurisconsulto que demonstre a legitimidade do nosso direito...

VON BERNHARDI

— E' imoral para um Estado não ampliar o seu poderio, se o desenvolvimento da sua população assim o impõe.

LASSON, *erguendo-se*

— Uma lei não é outra coisa senão uma fôrça superior... De um Estado para o outro não há leis.

STIRNER

— O que possue a fôrça está por cima das leis...

LASSON, *continuando*

— ... O fraco persuade-se de bôa fé que a inviolabilidade dos tratados é uma garantia da sua miseravel existencia. Há apenas uma garantia: a fôrça militar bastante.

— Sejam quais forem os progressos da inteligencia, das condições materiais ou morais de um povo, que não tenha a possibilidade de se defender e de garantir os resultados adquiridos, todo o trabalho será baldado e esse povo servirá apenas de adubo no campo de cultura do outro.

PAUL BAUMANN, VON BETHMAN HOLLWEG, DELBRUCK E TODOS

— Os contractos de garantia não são mais do que «farrapos de papel», que nada significam...

CHEVRILLON, *vendo desaparecer, já lá distantes, as ultimas filas do regimento*

— Não há senão uma lei unica, a desta vida, que é a de querer, não o bem, não a verdade, mas a potencia de se expandir, de crescer, de se ultrapassar a si mesmo, e, como consequencia, de odiar, de combater, de destruir ou devorar tudo o que tem a chancela de estrangeiro, e, portanto, todos os povos pequenos e fracos!

MATEUS MORENO

INSTALAÇÕES
E REPARAÇÕES
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS
Casa PALISSY GALVANI
RUA SERPA PINTO, 89 E 91
LISBOA
Telefone, 641

EPISTOLARIO

UMA CARTA DE Anselmo Braamcamp

O celebre chefe do partido progressista aprecia os homens e sucessos do seu tempo, designadamente a "Penichada"

A interessantissima carta que hoje arquivàmos no nosso «Epistolário» tem um alto valor por claramente nos mostrar qual a forma por que o brilhante espirito de Anselmo Braamcamp encarava e apreciava os sucessos políticos da «Penichada», obra do sempre irrequieto 8.º marquês de Angeja, 3.º conde de Peniche, D. Caetano Gaspar de Almeida e Noronha, cujo estado crónico era na realidade de perene conspiração. O efeito produzido no animo de El-Rei D. Luís pelas representações das forças vivas de grande numero de municipios do país, levadas até junto do trono pelo duque de Loulé (Nuno José) e por Anselmo Braamcamp, como protesto contra «a má orientação da causa publica» atribuida ao ministerio regenerador a que Fontes pela primeira vez presidia — era habilmente combatido no Paço pelo exagero do perigo que a corôa correra com os manejos do marquês de Angeja. Este pagou caro e duro o seu ataque, sendo perseguido e vindo sómente a ser amnistiado em 1877 pelo duque de Avila, sendo essa e outras medidas de extrema severidade que, segundo Braamcamp nos diz nesta carta, «tocaram a méta do ridiculo».

O Jaime a que se alude na carta era Jaime Constantino de Freitas Moniz, o grande advogado, defensor ilustre de Vieira de Castro e que naquele gabinete sobraçou a pasta da marinha desde o seu inicio em 13 de setembro de 1871 até 17 de setembro de 1872, isto é, até pouco mais de um mês depois da data da carta que se publica. O vaticinio de Braamcamp sobre a queda total do gabinete, que ele previa para janeiro de 1873, falhou por completo, pois que Fontes continuou timonando a nau do Estado até 3 de março de 1877. Braamcamp, agradecendo ao seu querido amigo e dedicado correligionario Barão da Ribeira de Pena, chefe politico no distrito de Vila Real, o envio da representação do concelho de Mondim de Basto, aproveitou o ensejo de lhe dizer o que pensava ácêrca da situação; e bem fez, para que hoje os leitores do *Diario de Lisboa*, volvidos perto de 50 anos, possam aquilatar uma pequena manifestação do alto talento de Anselmo Braamcamp.

Esta carta faz parte duma preciosa colecção de alguns centenares, autografos e ineditos daquele ilustre estadista, que guardo no meu modesto arquivo de familia.

Figueira da Foz, X-921.

Canavarro de Valladares
(Ribeira de Pena)

Ex.mo Amigo:

Recebo a representação de Mondim de Basto com signaturas e a presada carta q. V. Ex.ª me dirige. Agradeço a escolha que fiseram e tratarei de corresponder a tão honroso encargo. Effectivamente na 4.ª feira foi uma commissão de trinta e tantos membros, presedida pelo Duque, entregar nas mãos de Elrey as representações q. já haviam recebido. Causou de certo impressão bastante no animo real, e o Fontes e Sampaio q. estavam presentes não occultavam o seu máo humor. Despois tem tido lugar repetidos e prolongados conselhos de Ministros, hontem espalhou-se que o Jayme sahia e era in continente despachado Director Geral de Instrução Publica, querendo alg. vêr n'este facto prenuncio da queda proxima do m.mo, o qual antes de sahir procurava dar ao seu collega uma posição mais rendosa. Não vou tão longe, e ainda que a continuação das representações não possa deixar de produzir abalo no animo do rei, creio comtudo q. o Governo continua até Janeiro.

A penichada foi contraveneno ás representações e que o Governo tem explorado no Paço quanto póde.

As precauções tomadas e que em parte ainda continuam, tocam a méta do ridiculo, mas que importa se eles chegarem a convencer Elrey q. o salvaram de um perigo medonho, e q. só com elles póde amparar a Corôa. Não nego q. houvesse conspiração, que é o estado chronico do Marquês de Angeja, mas virão a cousa atravez de uma lente que lhes deo proporções agigantadas. Sem Saldanha, sem um chefe com prestigio, não tem força. Ad.s meu Ex.mo Amigo peço que apresente os meos respeitos a todos os Seus e creia-me

de V. E.

Am. att.º e certo

Ag. 13.

A. J. BRAAMCAMP.

A seguir publicaremos uma carta que o grande orador José Estevão Coelho de Magalhães escreveu á senhora D. Maria da Luz Freire Salter de Sousa Cid e uma outra que o celebre pintor romantico Metrass dirigiu ao seu intimo amigo João Fernandes Tomás Ripa.

VERSOS

Festa em beneficio do Asilo Chamusquense

no teatro de Chamusca

A brilhante colaboradora do «Diario de Lisboa», sr.ª D. Maria de Carvalho recitou numa festa, na vila da Chamusca, em beneficio do Asilo Chamusquense, os seguintes versos da sua autoria:

VELHINHOS

Velhinhos!... vida passada...
Peregrinos que na estrada
Mal podem já caminhar!...
Velhinhos!... naquela idade,
Feita de sombra e saudade,
E' preciso descansar.

Velhinhos!... já trabalharam,
Já sorriram, já choraram,
Já foram novos tambem.
O inverno, que nos espera,
Já foi neles primavera,
Já teve a luz que não tem.

Velhinhos!... quando a pobreza,
Mais lhes agrava a fraqueza,
Mais os vence e faz sofrer,
E' então que a mocidade
A riqueza, a caridade
Mais os deve socorrer

E' o velho, é a criança
Que na saudade e na esp'rança
Deus prefere reunir...
E' noite a velhice? Embora:
Fica mais perto da aurora
De que o sol há de surgir.

A criança é o Futuro
Luminoso e mal seguro...
O velho é a Tradição...
Mas só tem vida o Presente
Se os entende, os liga, os sen
A cada um dando a mão.

Velhinhos!... já têm direito
Aos cuidados, ao respeito
De quem os pode amparar...
Velhinhos!... naquela idade,
Feita de sombra e saudade,
E' preciso descansar.

MARIA DE CARVALHO

Bruxelas & Bruxelas
Tailleurs-couturiers
Chegados de Paris, mostram desde já a sua colecção de modelos: Robes de ville, Robe tailleur, Capas, Manteaux, etc.
65, R. da Emenda
TELEF. C. 1266

ELECTRICIDADE—MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica L.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

Gama
GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS
para todas as
LOTERIAS
Fornece para revender
PREÇOS CORRENTES
Pelo correio mais $15 para registo
Telefone: 1:020 — CENTRAL
Pedidos a
F. SILVA GAMA
R. do Amparo, 51 — LISBOA

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Cantico da chuva e do lume

Como as tuas mãos estão frias, meu amor! Deixa-me aquecer-tas nas minhas, emquanto a chuva cai lá fora, neste amargo prenuncio de inverno, se despenha das goteiras e canta nas vidraças... E, se o fogo das brazas e o calor das minhas mãos não bastarem para aquecer-tas, consente que as aqueça ao fogo veemente dos meus beijos. — Como estão frias, estas mãos agudas e geladas que nem laminas, e como são ardentes os teus olhos nesta penumbra do entardecer, quando a litania da chuva batendo nos vidros das janelas nos canta aos ouvidos estranhas recordações! Mãos frias, coração quente. E as tuas mãos têm a frescura e a pureza da chuva caindo do ceu, e os teus olhos o calor fecundo das brazas que nos aquentam e iluminam no brazeiro...

Quasi que tremes... Tanto frio, assim, junta a mim?! Toma o teu chá, loiro como o sol. Repara que se vai arrefecendo na porcelana transparente da chavena Eu tomarei o meu, tambem.

— Olha, porque treme assim a tua mão, esguia e branca, ao erguer a chavena... Porque sorris? De que te lembras? Do primeiro chá tomado em comum, a sós, em que o perfumado reconfortante foi apenas um pretexto para nos beijarmos? Mais tarde, daquele que tomaste aos goles pela minha boca? Das tardes calmas que passámos em longas confidencias, — emquanto o chá arrefecia na porcelana transparente das nossas chavenas? Do lume a que nos aqueciamos nas noites de inverno, brilhante e alado como o de agora, neste mesmo recanto confidencial?

...E a chuva continua caindo lá fora e o lume crepitando aqui aos nossos pés E a Agua e o Fogo cantam em commum uma estranha canção de amor e nos nossos corações — sentes? alguma coisa renasce que muito lembra o renascer dum amor por longos tempos adormecido.

— Olha: sinto nascer em mim um capricho. Consentes? Deixa-me estreitar a tua cabeça entre as palmas das minhas mãos — não são palmas de martirio! — e deixa-me fitar bem os teus olhos cheios de infinita bondade e infinita misericordia. Agora, deixa-me beijar tos! Assim! E deixa-me desprender-te as longas tranças negras, por entre elas espalhar meus dedos e com elas, depois, inundar-te o colo, as espaduas nuas... Bem! Só falta agora repousar a minha cabeça de encontro ao teu coração, para o sentir pulsar bem por mim, por entre o «mare nostrum» dos teus cabelos negros... E, depois, caidos os teus labios sobre a minha boca, beijá-los muito, muito... — Como tu és boa e como tu és linda!

...E a chuva continua a cair lá fora e o lume a crepitar a nossos pés. Não ouves? O chá arrefece? Deixá-lo! As tuas mãos continuam frias, mas o teu coração é um brazeiro crepitante...

CARLOS D'AGUALVA

Conselho de ministros

No d'hoje foi versado o problema da compressão de despesas, tendo-se tambem tratado das dividas dos T. M. E.

O conselho de ministros reuniu-se hoje, em demorada sessão, no ministerio do interior. Após a reunião, o chefe do governo disse aos jornalistas que o conselho se tinha ocupado da redução das despesas publicas, assentando-se que cada ministro apresente os seus trabalhos nesse sentido no conselho que deve realizar-se no dia 1 de Novembro. Tratou-se tambem do pagamento das dividas dos Transportes Maritimos do Estado e de outros assuntos de administração publica.

Imprensa

Reaparece no proximo mês o jornal *A Vitoria*, dirigido pelo nosso colega Herculano Nunes, que se propõe defender a politica economica de Angola.

RESSURGIRÁ A CASA DE GARRETT?

A EPOCA DE INVERNO NO NOSSO TEATRO NACIONAL

O "DIARIO DE LISBOA" ENTREVISTA O SR. AUGUSTO PINA, DIRECTOR ARTISTICO

ESPECTACULOS DE ARTE — O QUE VAI SER A REPRESENTAÇÃO DAS PEÇAS "A LUSITANIA" E "MAISON CERNÉE" — AS RECITAS CLASSICAS — O SUBSIDIO DO ESTADO

Augusto Pina, director artistico do Teatro Nacional, começa por declarar que é, simplesmente, um colaborador do sr. Luiz Galhardo. Depois:

— Pensou-se em fazer uma reclamação ao ministro, a proposito da minha pretensa nomeação. Mas, com que base? A nomeação não existe e eu aqui — reafirmo — sou apenas um colaborador...

— Vamos á entrevista...

— Sempre que qualquer jornalista me vem procurar para uma reportagem, marco-lhe sempre o dia seguinte...

— E porquê?

— E' preciso pensar, não vá escapar alguma frase a mais ou uma inconfidencia. A entrevista que o «Diario de Lisboa» teve com o ministro da Instrução está inteiramente conforme com as minhas opiniões.

— Mesmo a pouca concorrencia de publico ao nosso teatro normal?

— O publico acorre sempre quando o elenco o atrae e quando a obra teatral a representar se recomenda...

— O que é preciso para isso?

— Um nucleo de artistas estavel; nomes que, pelo seu prestigio artistico, chamem o publico; repertorio escolhido entre as melhores obras estrangeiras; «réprise» do nosso teatro nacional e escolha meticulosa dos originais a representar, sem influencias nem favoritismos. Temos ainda a colaboração dedicada de todos. Só assim se conseguirá levar a bom caminho o nosso Nacional, fazendo-o ressurgir da sua tão falada decadencia...

— O subsidio...

— Seria a grande solução, a unica..., mas esse subsidio só devia ser concedido depois de se rever atentamente toda a lei organica do teatro.

Eram estas as palavras que o sr. Augusto Pina tinha preparado para o jornalista. No entanto, entre dois cigarros ingleses, a conversa seguiu agora mais e, porventura, mais interessante. E a nossa curiosidade, reflexo da tua, leitor, preguntou:

— Os seus planos? Lembrámo-nos da «mise-en-scène» do «Mercador de Veneza», ali, no Trindade. Espectaculo de arte, muito novo para o nosso publico.

— Tenho planos. Há peças que se prestam mais. Tenho uma — «A Luzitania», de Humberto Luna e Oliveira — em que é facil de fazer arte, crear ambiente, introduzir novidade. E' o alvorecer da nacionalidade. Roma, o Forum, a tenda de Viriato.

E Augusto Pina disse-nos três scenas de «A Luzitania».

— Como vê, é sumptuosa, cheia de grandeza... Tenho tambem o «Auto do Velho da Horta», de Gil Vicente. Preparei uns scenarios estilizados, cuidarei dos minimos detalhes... Passa-se na nossa Sé, á roda casebres do tempo; horta que se estenderá até á plateia, até ás frizas. A assistirem em scena, como antigamente, fidalgos, bispos e cavaleiros. O publico não tem a sensação da moldura do teatro; sentir-se-há transportado...

Cortámos:

— Tinham-nos falado da «Maison Cernée», de Pierre Frondaie.

— Veja os scenarios! — diz Augusto Pina, apontando para duas «maquettes». — No Teatro Nacional poder-se-iam realizar muitas manifestações de arte... Conferencias literarias, «matinées» com recitativos, «bluettes», etc, etc. Aqui tenho eu, por exemplo, uma carta do autor da «Maison Cernée», em que ele me anuncia a sua vinda a Portugal, na ocasião da representação da sua peça. E gostava de fazer uma conferencia, sabe?

— E' possivel dar ás peças todo esse ambiente artistico que sonha, com os recursos do Teatro Nacional?

— E'. Tendo dinheiro...

— O subsidio é para os artistas ou para a montagem das peças?

— Para aumentar os honorarios dos artistas e tambem para as montagens...

— O Teatro Nacional não pode viver dos seus recursos? Outros teatros ganham...

— Engana-se; todos têm um «deficit». Conheço as cifras precisas...

— E continuam perdendo?

— Umas vezes ganham; outras vezes...

— Pudera! Emquanto se poderia fixar o subsidio?

— Não sei! Deveria ser largo, muito largo mesmo.

As nossas preguntas multiplicavam-se:

— Crê no exito da temporada?

— Absolutamente.

— E conta com o elenco, que é bom, não?

— Sim; é muito bom. O que é preciso é a colaboração, a dedicação de todos. Que se acabem com as «petites-misères»... Se todos o compreendessem! — diz Augusto Pina, com uma certa tristeza...

Ao encontro do seu espirito, enviámos-lhe esta pregunta:

— Mas agora, no Nacional, diminuiram os conflitos. A sua presença...

— Sim... sim... sim... O José Ricardo, no «D. Afonso VI», aceitou um pequeno papel, um daqueles papeis de vinte e quatro palavras — e insistindo — é preciso muita confiança, muita dedicação, para se fazer qualquer coisa...

— Os artistas...

— Precisavam muitas vezes que se lhes abrisse a cabeça para os limpar da poeira... Depois...

E a entrevista terminou com a entrada do sr. Santos Tavares, que logo, muito pronto, declarou:

— Quando quizer uma entrevista, venha ter comigo. Provar-lhe-hei que não existe teatro nacional...

As manifestações de ontem

Nos calabouços do governo civil encontram-se presos e entregues á P. S. E., Abel Jacinto Pereira, por andar dando vivas á Revolução Social, e Antonio Pais de Mascarenhas, por ser portador de armas proibidas.

O estado sanitario da cidade

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 8 do corrente manifestaram-se em Lisboa 6 casos de difteria, 14 de febre tifoide, 2 de meningite, 3 de sarampo e 4 de variola.

A tragedia da rua dos Douradores

O enterro da vitima

Realizou-se hoje, no hospital de S. José, o exame medico ao sr. Eduardo Vieira da Rocha, um dos protagonistas da scena sangrenta que ha dias se desenrolou na rua dos Douradores.

O cadaver do comerciante José de Castro saiu da Morgue para a igreja de S. Sebastião, devendo ámanhã realizar-se o enterro para o cemiterio dos Prazeres.

UMA REVISTA LITERARIA

E' posto ámanhã á venda o primeiro numero da "Seara Nova"

Uma larga colaboração dos escritores Raul Brandão, Camara Reis, Ezequiel de Campos e Raul Proença

O QUE SE PROPÕE FAZER A NOVA PUBLICAÇÃO E QUAL É A SUA ORIENTAÇÃO

Será ámanhã posto á venda o primeiro numero da «Seara Nova», revista quinzenal de doutrina e critica editada e colaborada por um brilhante nucleo de intelectuais portugueses. A revista que se apresenta com um magnifico aspecto grafico, tem na capa um sugestivo desenho de Leal da Camara.

Eis ao que se propõe a «Seara Nova»:

«A Seara Nova» representa o esforço de alguns intelectuais, alheados dos partidos politicos mas não da vida politica, para que se erga, acima do miseravel circo onde se debatem os interesses inconfessaveis das clientelas e das oligarquias plutocraticas, uma atmosfera mais pura em que se faça ouvir o protesto das mais altivas consciencias, e em que se formulem e imponham, por uma propaganda larga e profunda, as reformas necessarias á vida nacional.

Não comunga ela no vão e pernicioso sofisma de que são os politicos os unicos culpados da nossa situação. A verdade é que os politicos não são melhores nem peiores do que o permitem as condições gerais da mentalidade portuguesa. Todo o paiz tem de aceitar a responsabilidade que lhe cabe no desastre colectivo; todo o paiz, e em especial a sua *élite*. A vida politica duma nação é, em grande parte, o reflexo da sua vida intelectual, dos seus movimentos de ideias, das aspirações mais profundas do seu escol. Por outro lado nenhum regime politico de mentira e incompetencia se pode manter em qualquer paiz sem que essa incompetencia e essa mentira sejam os caracteristicos dominantes da sua propria *élite* intelectual. De outra forma, as monstruosidades e as traficancias impedi-las-hia o seu protesto organizado.

O sumario do primeiro numero é o seguinte:

«Sombras Humildes», Raul Brandão; «Apologo de uma espiga de trigo», J. M. Santiago»; «O Problema Português», Ezequiel de Campos; «No Pelourinho», Redacção; «A carestia da vida», Francisco Antonio Correia; «Caracteristicas da Educação Contemporanea», Faria de Vasconcelos; «Carta a D. Carolina Michaelis de Vasconcelos», Antero de Quental; «Politica interna», R. P.; «Literatura Portuguesa no Estrangeiro»: «Los Pobres», de Raul Brandão, C. R.; Excerptos de «Os Pobres», Raul Brandão; «O meu Amor», Augusto Casimiro; «A Questão do Funcionalismo», Raul Proença; «Ideias, factos e documentos», Faria de Vasconcelos; «Os teatros», Camara Reys; «As nossas edições», C. R.

Nova greve de criadas de servir?

As determinações do sr. governador civil

O sr. Lelo Porteia está na disposição de multar todas as serviçais que não tenham livretes. Das vinte mil serviçais que existem em Lisboa só mil e setecentas o têm.

O sr. governador civil vai mandar exercer uma rigorosa vigilancia por brigadas especiais da policia.

A CIDADE

PORTUGAL NO ORIENTE

A questão de Macau continua a despertar uma certa curiosidade

Seguirá para o Oriente uma divisão naval portuguesa? — A proxima conferencia de Washington

O QUE DIZ O REPRESENTANTE DO GOVERNO DE CANTÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Os jornais da manhã noticiam discretamente que o problema das nossas relações com a jovem Republica Chinesa está sendo tratado sob a direcção do alto magistrado a quem o estatuto constitucional confere poderes de superior orientação da nossa politica externa. O governo, que naturalmente tem as suas razões para o fazer, continua a envolver no maximo sigilo o seguimento das negociações para a solução do problema de Macau. Entretanto, os boatos fervilham. Ainda não está posta de lado a ideia de organizar uma expedição militar que constitua um forte apoio á soberania portuguesa na peninsula de Macau. Fala-se tambem em mandar para o porto de Macau uma divisão naval, formada pelos dois cruzadores que já vão a caminho do Oriente e por mais alguns navios de guerra que, possivelmente em fins de novembro, receberão ordem de seguir o mesmo rumo. O cruzador «Vasco da Gama», que, segundo todas as probabilidades, irá á Italia representar o nosso paiz nas festas do soldado desconhecido italiano, deve estar pronto a seguir viagem para o Oriente naquela data.

Acresenta-se ainda que a proxima conferencia de Washington nos vai reservar algumas surpresas. Os Estados Unidos defenderão *á outrance* o ponto de vista chinês. Do nosso lado ficará a Inglaterra. Na Arcada voltou-se hoje a falar com certa insistencia de um artigo publicado há tres anos num jornal de Macau, com a assinatura do actual ministro das colonias, em que o articulista defende o ponto de vista chinês—em contraposição com os interesses de Portugal.

Do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, recortamos o seguinte telegrama, que mereceu honras de normando e que o *Diario de Lisboa* vai dar aos seus leitores em modesto italico:

SHANGHAI, 23 (U. P.)—Considera-se iminente o rompimento das hostilidades entre a China do Sul e os portugueses de Macau.

Esta manhã um destacamento chinês fez fogo sobre uma lancha que conduzia a policia portuguesa.

A guarnição de Macau consta de oitocentos homens, tendo os chineses nas proximidades da possessão portuguesa cinco mil soldados.

Tres dias depois, publica o mesmo jornal um telegama de New York, que pela sua importancia tambem merece honras de transcrição:

NEW YORK, 26 (U. P.)—O dr. Ma Soo, representante do governo de Cantão, China, nos Estados Unidos, declarou que o seu paiz resistirá com as forças militares de que dispõe a qualquer tentativa por parte dos portugueses de ampliar o seu poder em Macau. Ma Soo acusa os portugueses de pretenderem usurpar o territorio alheio. Segundo informações de outras procedencias, recebidas nesta cidade, os cantonezes concentraram 7:000 soldados perto de Macau. Em circulos portugueses faz-se notar que a soberania da ilha de Macau, que se acha proxima de Hong Kong, e que deu motivo a um conflito entre portugueses e chineses a semana passada, foi reconhecida em 1877.

COISAS QUE NOS ENVERGONHAM

O VELHO LIMOEIRO, REVIVESCENCIA DA IDADE-MEDIA

TEM DE SER DEMOLIDO O MAIS BREVE POSSIVEL, PARA HONRA DE TODOS NÓS

O CORONEL SR. FRANÇA, EM CONVERSA COM O JORNALISTA, DIZ COMO SE PODERIA CONSTRUIR UMA CADEIA DIGNA DE UM PAÍS QUE SE DIZ CIVILIZADO

O Limoeiro, esse velho Limoeiro que tantos fados de bordel tem inspirado, constitue — nesta cidade de Lisboa que, á fôrça de querer dar um verniz de civilização ás suas arterias nobres, deixa a descoberto as chagas asquerosas que constituem enxame nos bairros pobres — uma vergonha colectiva, que as chamas do incendio de há dois anos não chegaram a eliminar de forma completa. O palacio fernandino, nesta terra, que, a não haver edificios conventuais, talvez hoje ainda não tivesse serviços publicos a funcionar em casas decentes, a despeito das tentativas inumeras de adaptação que se têm esboçado, continua a ser o saguão imundo para onde o indiferentismo geral atira as escorrencias de miseria e crime, que, nem por pudor social sequer, sabemos dissimular com um intuito de regeneração. As criticas mais acerbas da imprensa, as reclamações mais energicas de particulares, têm esbarrado sempre com a impassibilidade de um organismo judicial, que, sabendo prender a esmo, não sabe dar aos captivos aquela hospitalidade que os mais dubios sentimentos humanitarios reclamam. Não é impunemente que descendemos dos aguazis do Santo Oficio e dos juizes de inconfidencia...

Há dias, o jornalista, por um dever de oficio que o obriga de quando em quando a analizar as pustulas sociais desta sociedade ainda não desmarroquinizada, entreteve duas horas numa visita ao Limoeiro e manteve dialogo com o director das cadeias civis: — o sr. coronel França. Afavel, o sr. França, funcionario exemplarissimo, que sabe onde acaba o dever do cargo e onde começa a solidariedade com o proximo, confirma as palavras de condenação que os nossos labios soltaram ao contemplar as miserias a que o Limoeiro dá abrigo:

— Isto está condenado. O Limoeiro, a bem dizer, já não existe. O incendio levou quasi tudo. Restam apenas duas enxovias, o *segredo* e os quartos particulares.

O nosso interlocutor, nesta altura, faz uma revelação: — O pouco que ainda existe, deve desaparecer daqui por algum tempo. Temos já feitos todos os estudos referentes á nova cadeia a edificar no Alto da Ajuda.

Olhámo-lo, estupefactos. Seria possivel? Mas o director das cadeias civis confirmou, ao mesmo tempo que mostrava uma planta:

— Neste projecto houve o cuidado de incluir o que de mais moderno existe em estabelecimentos penais. Os presos reunir-se-hão apenas aos seis e aos oito. Nada de vida em comum. Os grandes criminosos serão separados dos que, por uma simples troca de sôcos, se vêem um dia a ferros. Os menores terão instalações especiais, sendo agrupados consoante a natureza dos delictos. Em volta da cadeia haverá uma cerca enorme, um largo trato de terreno que os presos rurais cultivarão.

— Só os rurais? — interrompemos.

— Sim. E' que já se pôz de parte a velha pretensão de transformar todos os presos em operarios industriais. A razão é simples: um rural, com um ou dois anos de cadeia, que consegue aprender? Apenas isto: voltar para a vida, tendo deixado de ser rural e não sendo um homem de oficio em condições.

A conversa prossegue. O sr. França conta, agora, que o projecto já há três anos espera ordem do Ministerio da Justiça para ser posto em execução. Mas não está desanimado. Pelo contrario, tem ate muitas esperanças... E explica:

— Espero que os trabalhos comecem dentro de pouco tempo. E' que o Estado poucos ou nenhuns encargos terá com a edificação do novo estabelecimento penal.

— Será possivel?!

— Não se admire. Eu lhe digo como se pode construir a cadeia, sem grande aumento de despesa: Como sabe, as obras publicas têm muitos operarios, que são sempre pagos, que pouco ou nada fazem, umas vezes porque não há material, outras porque o trabalho escasseia. Ora bem. Suponha que o governo escolhia um grupo desses operarios, certamente os mais competentes, e os empregava na edificação da cadeia. Os ordenados seriam os mesmos, isto é, a verba a gastar com o pessoal já existia.

— E o material?

— Apenas essa despesa. Mas, como sabe, o mais importante num trabalho desta natureza é a mão de obra.

O sr. coronel França confia na exequibilidade do seu projecto. Antes assim. Sempre nos fica a esperança de que, nestes anos mais proximos, Lisboa possuirá uma cadeia preventiva decente e não a vergonha que o Limoeiro representa e que muitos dos nossos homens de Estado de perto conhecem, por nele terem passado devido a questões politicas...

A nossa visita prossegue. Quartos particulares, enxovias, tudo examinámos. O resultado do exame grava cada vez mais em nosso espirito a má impressão que do Limoeiro tinhamos. Depois, já nas despedidas, o sr. coronel França, sempre gentil, conta-nos:

— Nas cadeias preventivas inglesas nenhum preso espera mais de três meses o seu julgamento. Aqui... estão alguns que há mais de um ano esperam por ele.

— Em que é que se empregam? Trabalham?...

— Mas onde é que o edificio tem condições para isso? De 632 homens que aqui estão só 78 fazem alguma coisa...

Desastre numa fabrica

Dois operarios feridos

Numa fabrica de cortiça de Palma de Baixo deu-se hoje um desastre grave, do qual resultaram gravemente feridos dois operarios que foram conduzidos ao hospital de S. José.

A questão dos passes

O sr. presidente do ministerio recebe na proxima quarta-feira, pelas 14 horas, a comissão delegada dos portadores de passes da companhia dos electricos.

Diogo de Macedo

Visitou-nos ha dias este nosso querido amigo e brilhante colaborador. O sr. Diogo de Macedo, que regressou já a Paris, cidade onde fixou residencia, vai publicar brevemente um album de inspiradissimos desenhos sobre costumes de Portugal. O *Diario de Lisboa* reproduzirá dentro de dias alguns desses desenhos.

Futuros pilotos aviadores

Vão para a America do Norte, quatro oficiais de marinha, tirar o «brevet» de pilotos de hidro-aviões.

OS TEATROS

Atraz do reposteiro

Desmente-se a noticia, que veiu a lume, de que o tenente-coronel e jornalista sr. Cristovão Aires ia dedicar-se á vida de teatro.

—Informa o nosso colega «A Manhã»:

Alguns jornais referem-se em evidente ar de mistério ao distinto actor Ferreira da Silva, a proposito de haver constado que não representará esta epoca, apesar de escriturado para o Nacional. Convém, por isso, esclarecer que, se o ilustre artista não representar, a unica razão—e bem deploravel—do facto é esta: o seu estado de saude, que no momento é deveras precario. De resto, Ferreira da Silva, que ha muitos anos nos honra com a sua amizade e que amiudadas vezes nos dá o prazer da sua conversa, ainda ante-ontem ou na vespera nos dizia:

—Isto está mal, mas é possivel que ainda possa trabalhar... Por agora, porém, o que o medico me aconselha é o repouso, o repouso absoluto...

Escusado será acrescentar que fazemos votos pelas melhoras rapidas do grande actor que é Ferreira da Silva.

Eduardo Schwalbach, que se encontra actualmente em Braga, está escrevendo um quadro novo para a sua revista «Gato por Lebre», em scena no teatro Apolo.

—Está marcada para o dia 20 a abertura do teatro Nacional com a «reprise» da peça «D. Afonso VI», de D. João da Camara. Neste teatro começaram ontem as obras de renovação da sala de espectaculos e embelezamento dos camarotes.

— A titulo de curiosidade vem a proposito dizer que a distribuição dos principais papeis da peça «D. Afonso VI», com que o Nacional vai inaugurar a epoca de inverno, é a seguinte: «El-rei», Eduardo Brazão, papel creado por este artista ha 31 anos; o «Infante», Luis Pinto, creado por Ferreira da Silva; «Conde de Castelo Melhor», Rafael Marques, creado por João Rosa; «Simão Peres», Joaquim Costa, creado por Augusto Rosa; «Braz, tratador dos cães de El-rei», José Ricardo, creado por Augusto Antunes; «Rainha», Ilda Stichini, creado por Rosa Damasceno; «A Calcanhares», Albertina de Oliveira, creado por Augusta Bresd'lind e «Sóror Benedicta», Lucinda do Carmo, creado por Emilia Candida.

— Podemos garantir que o Trindade reabre as suas portas num dos primeiros mezes do proximo ano com uma empresa á frente da qual figura o empresario sr. Carlos Borges e uma companhia de declamação dirigida por Maria Matos e Mendonça de Carvalho.

— A companhia do empresario Antonio Macedo, logo que termine os seus espectaculos no Coliseu dos Recreios, segue para o Porto, reaparecendo no Aguia de Ouro, com um reportorio constituido, entre outras, pelas revistas «Tic-Tac», «Trolaró» e «Pé de Dança».

— Afirma-se nos «mentideros» de teatro que os artistas Carlos Santos e Beatriz Ablas seguiram para o Brasil, recentemente, a bordo do «Traz-os-Montes», com passagens «oferecidas» pelos T. M. E.

— A segunda peça que se seguirá no Nacional ao «D. Afonso VI» intitula-se «O Tufão», é austriaca e foi traduzida pelo nosso ilustre colega José Sarmento.

—Gustavo de Sequeira está trabalhando numa opereta historica, que destina á companhia Satanela-Amarante.

—Transcrevemos do «Diario de Noticias»:

«O conselho da noite», original de Vitoriano Braga, em ensaios no Chiado Terrasse, tem os principais papeis distribuidos da seguinte forma: «Maria Teresa», Luz Veloso; «D. Maria Domingues», Teresa Taveira; «Padre Bernardo», Teodoro Santos; «Miguel», Valerio Rajanto.

A acção da peça, que foi escrita por Vitoriano Braga já ha anos, decorre num solar, nos arredores de Lisboa, durante uma noite.

O mesmo autor concluiu, agora, a tragi-comedia «Casaca encarnada», que será representada, ainda esta epoca, num dos nossos teatros de declamação.»

Reclames

S. CARLOS—Aproxima-se o dia de abertura da epoca de inverno neste teatro. A companhia Rey Colaço-Robles Monteiro está ensaiando afanosamente a peça «Jerusalem!» de Georges Rivollet, que nesse dia subirá á scena.

GIMNASIO—Nestas ultimas noites, e apesar do mau tempo, este teatro tem tido enorme concorrencia, com «A Labareda». Em vista de tão extraordinario exito a empresa resolveu faze-lo repetir mais algumas noites

AVENIDA—O maior sucesso teatral desta epoca é sem duvida a linda opereta «Flores da Noite», o grande sucesso da companhia Satanela-Amarante.

EDEN—Damos hoje o elenco feminino da companhia Nascimento Fernandes que vai interpretar a fantasia «Pau de dois bicos»: Adelina Fernandes, Angela Barros, Clara Baptista, Deolinda de Macedo, Elvira Santos, Ema Polonio, Jalzira de Sousa, Maria de Sousa, Tina Alves, Virginia de Sousa, Zulmira Betencourt, discipulas Fernanda Edith, Idalina Lopes, Ilda Silva, Maria Odette e Amelia Martins.

APOLO—Não é demais insistir-se em que só pelo riquissimo guarda-roupa de Castelo Branco vale a pena ir aplaudir a graciosa revista «Gato por Lebre».

SALÃO FOZ—Tem lindissimos numeros de musica, que, rapidamente, se tornarão populares, a revista «Bichinha gata», que vai ser representada neste Salão.

O FUTURO DO NOSSO PATRIMONIO COLONIAL

Há pouco menos dum ano...

Em que se rememoram os discursos pronunciados por ocasião da posse do nosso Alto Comissario em Angola

Há pouco menos de um ano, antes de seguir para Africa o general sr. Norton de Matos, encarregado pelo governo da Republica de elevar em Angola o nosso nome de colonizadores, era presidente do ministerio—coincidencia interessante!—o sr. dr. Antonio Granjo e ministro das colonias—interessantissimo acaso!—o sr. dr. Ferreira da Rocha.

Todos nos recordamos de que alguns mezes atraz da posse «in locus» do Alto Comissario, ele teve de empreender uma viagem á Inglaterra e á Belgica, porque o poder central—e mais do que esse poder a inteligencia propria—lhe apontára como indispensavel um conhecimento profundo do caminho que deveria trilhar. Norton de Matos, desempenhou-se dessa missão de alta diplomacia, a contento dos aliados e a contento do Paiz que o designára para bem zelar os interesses de além-oceano dos portugueses. Recebeu-o carinhosamente Alberto I da Belgica—o Rei Soldado. Não se embrumou ainda, por certo, no espirito dos patriotas de verdade, a maneira afavel que o supremo representante da Belgica sacrificada adoptou para receber um alto funcionario da Republica Portuguesa.

Pois vem a talho de foice, pois salta ao bico da pena, neste momento em que chefia o governo o sr. dr. Antonio Granjo e sobraça a pasta das colonias o sr. dr. Ferreira da Rocha, rememorar o que foi a posse do sr. Norton de Matos, depois dessa viagem triunfante e antes da sua partida para a mais importante das nossas possessões ultramarinas.

O discurso do sr. dr. Antonio Granjo, chefe do governo de então e chefe do actual governo

«Aprazme salientar as qualidades do Alto Comissario de Angola, que foi um dos homens da guerra que nela patenteou todo o seu patriotismo, abnegações e força de vontade. Na preparação da nossa entrada na guerra, o general sr. Norton de Matos conseguiu reunir os elementos que nos colocassem ao lado das nações aliadas. Salvou, com a sua grande obra, a honra da nação portuguesa.

Porque entendo ser a descentralização das nossas colonias a base fundamental do proprio desenvolvimento, convicto me mostro de que o general sr. Norton de Matos vai executar o seu vasto programa de administração politica naquela imensa colonia, quatorze vezes maior do que Portugal, e que ali se iniciará um regime de administração. As excepcionais qualidades de s. ex.ª contribuirão para o enriquecimento de Angola.

Viu o orador em Londres que cada colonia tinha a sua casa na metropole e por isso entendo que Angola, Guiné, S. Tomé, etc., devam por sua vez ter casa em Lisboa. Deve o comercio africano derivar para a metropole exportando apenas para o estrangeiro o que possa dispensar.»

O sr. dr. Antonio Granjo terminou por agradecer ao sr. Norton de Matos o ter aceitado tão espinhoso encargo.

A alocução do sr. dr. Ferreira da Rocha

«Universalmente apresentam as colonias de hoje um extraordinario interesse que os acontecimentos dos ultimos anos vieram ainda mais evidenciar: são paizes novos, regiões feracissimas a explorar, a fornecer á Europa os generos e os campos de actividade que já dos velhos continentes vão desaparecendo, e, se esse interesse para todos é grande, para nós, portugueses, que nas colonias temos a razão de ser da nossa independencia politica, que nelas temos de procurar as fontes da nossa independencia economica, maior é, bem podendo dizer-se que, no que nos respeita, tal interesse assume caracter vital, sobrepondo-se a todos os problemas da nossa administração publica.

Conservar esse dominio colonial, defendendo-o de cobiças estranhas, tirar o maximo aproveitamento das suas condições naturais, desenvolvendo os seus recursos e trabalhando pelo seu constante progresso, tem de constituir a nossa principal preocupação. E demonstra-o a Republica conferindo ás colonias um regime de descentralisação administrativa e autonomia economica, que, fazendo desaparecer a velha lenda de que Portugal pretendia governar as suas possessões ultramarinas num sistema de absurda concentração de poderes vem dar aos habitantes das colonias, áqueles que ahi consomem o melhor da sua actividade e dedicação, o direito de intervir na administração local e de ao serviço do progresso empregarem o fruto da experiencia e do saber.

Orientar estes esforços em Angola, junto deles exercer em nome da Republica a missão tutelar metropolitana, ser ali o depositario dos poderes da metropole, dirigir a maquina administrativa da execução de todos os serviços publicos, eis a missão para que o general sr. Norton de Matos acaba de ser escolhido. Vai ele continuar em Angola obra identica áquela a que tanto se têm devotado outros portugueses ilustres, obreiros entusiastas de um Portugal maior. Essa missão de extraordinaria importancia demanda necessariamente um homem de excepcionais faculdades. Sentiu o governo, sentiu o parlamento, sentiu a nação toda que o general sr. Norton de Matos possuia em alto grau qualidades de excepção para tão dificil tarefa.

Colonial distintissimo, administrador de rara energia e invulgar valor, o general sr. Norton de Matos é bem o homem de que Portugal carece para conservar em Angola um paiz português, dele fazendo um torrão rico e prospero que, vivendo dos seus proprios recursos, mantenha a mais estreita comunhão de interesses com a mãe Patria.»

O programa que traçou o sr. Norton de Matos agradecendo aos dois ministros

Apesar de ter embarcado a primeira vez, para o ultramar, há 22 anos, de que tres os passou em Angola, ali se dedicando a estudar colonias, estava certo de que lá encontrará muitas coisas que por completo desconhece, pois que em Africa estão sempre a surgir coisas novas. E' dificil, a distancia, realizar planos detalhados de administração, para o que é indispensavel respirar a atmosfera da colonia, sentir o estado de espirito dos seus habitantes, palpar a actividade do seu comercio e da sua industria para, com segurança, poder tomar medidas que produzam os necessarios efeitos. Algo tem, porêm, que fazer na metropole antes da sua partida. Primeiramente, na escolha de funcionarios procurará cercar-se de uma «élite» sem a qual nada conseguirá da sua propria acção. Ocupar-se-há da carta organica da colonia, das restrições de poderes, tendo sempre em atenção a opinião publica.

Na organização administrativa agirá de maneira a evitar a debandada dos funcionarios publicos em Angola, afirmando, por um lado, a necessidade de pagar bem a todos e especialmente ao funcionalismo colonial, por outro lado, a necessidade de restringir-lhes o numero. Isto posto, a obra de fomento será um pouco lenta, uma vez que os seus esforços e os dos seus auxiliares, no sentido de fazer progredir a colonia, resultarão nulos se não se assentar numa perfeita organização administrativa, ou, se não tiverem por executores funcionarios competentes, trabalhadores, com grande honestidade profissional e de impecavel honestidade moral, em estudos que não estão feitos. Trabalhará no proposito de prolongar os caminhos de ferro existentes, aquisição de material circulante para novos caminhos de ferro e no estabelecimento de portos para a marinha mercante.

Pensa em realizar um pequeno emprestimo, a fim de regularizar a situação deficitaria da provincia, e, para mais tarde, em outro de maior importancia, em series sucessivas, a realizar-se totalmente dentro de 5 anos, que virá a ser o emprestimo de fomento. Levará a efeito medidas de protecção e civilização dos indigenas, a proposito disso falando o sr. Norton de Matos na campanha que em Inglaterra de novo estava surgindo contra o sistema da mão de obra por nós adoptado, o que classifica de injusto e infame, pois, em alguns pontos, os nossos processos excedem os adoptados pelas outras potencias coloniais. Tem informações seguras de que essa campanha, antes da guerra, foi alimentada por ouro alemão com o fim de nos esbulharem das nossas colonias. E' do nosso dever cobrir com o maior despreso essa campanha. Ninguem pode evitar que se pratique, aqui ou ali, em tão vasta provincia, irregularidades ou crimes. O que é preciso, e isso se fará, é puni-los rigorosamente. Cumpre que o sistema da nossa administração em Angola dê logar ao respeito e á admiração do mundo.

Para a efectivação do seu programa conta com as iniciativas particulares, tendo já recomendado aos secretarios e chefes de serviços que empreguem esforços para manter as mais estreitas relações com os particulares da provincia, como sejam as associações comerciais, industriais ou agricolas, empresas ou companhias, missões de qualquer especie, todos os serviços emfim, de iniciativa particular, na certeza de que o desenvolvimento da provincia tem de fazer-se não só pela acção dos serviços publicos, mas tambem daqueles outros, devidamente organizados e fiscalizados.

A nossa politica colonial, em materia de mão de obra indigena, exige a aplicação rigorosa de determinado numero de principios, e, nessa ordem de ideias, não permitirá que o indigena seja compelido a prestar serviço particular e só o fará quando o Estado tiver necessidade de realizar grandes obras de beneficio para a provincia, mas, ainda assim, pagando-se-lhe condignamente.»

* * *

Do nosso colega «O Mundo» transcrevemos a seguinte local:

«O alto comissario em Angola comunicou ao governo central que, tendo reunido o conselho do governo para lhe expôr a situação da provincia, este, por aclamação, votou uma moção que transmitiu ao governo da metropole, a qual diz que o conselho, tendo ouvido com toda a atenção a exposição feita por aquele alto funcionario, estava de pleno acôrdo com a orientação tomada pelo mesmo senhor com respeito ao desenvolvimento economico e social da colonia, que exige e impõe a execução de um vasto plano de administração, concebida e já iniciada pelo referido funcionario e perfeitamente adoptado ás necessidades actuais e ás possibilidades do seu desenvolvimento futuro. Reconhece que é indispensavel que as medidas pelo mesmo adoptadas tenham uma execução integral e imediata para o prosseguimento das obras de fomento e colonização empreendidas e a empreender, e que o contrario seria a ruina da provincia e a falencia do regime descentralizador, terminando o referido conselho por pedir em nome da provincia ao governo central uma rapida solução dos assuntos tratados pelo alto comissario com o governo metropolitano.»

Banco Nacional Agricola
SOC. AN. DE RESP. L.DA
Séde—Rua de S. Julião, 188 a 198—LISBOA

Nos termos dos artigos 8.º e 12.º dos Estatutos do Banco são os Srs. Accionistas convidados a entrar com a importancia de Esc. 25$00 por acção, correspondente á 2.ª prestação do capital emitido, desde 15 a 31 de Outubro corrente.

As cautelas representativas de acções devem ser apresentadas no acto do pagamento nos locais abaixo designados ou nos nossos correspondentes na provincia.

LISBOA, EVORA { Banco Nacional Agricola
LISBOA, PORTO, CHAVES { Pinto & Sotto Mayor

Pelo Banco Nacional Agricola
Os Directores
a) *Eduardo Fernandes d'Oliveira*
a) *Eduardo Julio Correia de Barros*
a) *Joaquim Nunes Mexia*

Grande venda mensal

SAPATARIA CONTENTE L.DA
Rua do Carmo, 74
Sapatos desde 10$ até 30$ — Meias de seda a 4$, 6$ e 7$50
Grande abatimento em todo o estock, para dar entrada a 2:000 pares de calçado nos ultimos modelos e fôrmas da melhor marca
ATLAS
O MELHOR CALÇADO
Variados modelos para a estação de inverno
Calçado de abafo em todos os tamanhos e modelos

NO ESTRANGEIRO

O FINAL DA QUESTÃO?

A PERDA DA ALTA SILESIA VAI ENTREGAR A ALEMANHA NAS MÃOS DOS REACCIONARIOS?

O chanceller Wirth pede ao povo alemão que se mantenha firme e unido neste momento de tão grande e grave perigo para a patria alemã

BERLIM, 14.

A opinião publica continua muito excitada por motivo das noticias que, embora ainda não confirmadas oficialmente, dizem que a solução da questão da Alta Silesia é desfavoravel á Alemanha. O chanceler Wirth diz que cidades de cultura absolutamente alemã e cujo desenvolvimento material é devido á actividade dos alemães vão ser entregues ao dominio estrangeiro, o que é dolorosamente sentido não só pela maioria da população da Alta Silesia como por toda a nação alemã, como uma injustiça dolorosa que concorrerá para aumentar o dessossego e os mal entendidos que prejudicará duma maneira irreparavel a economia alemã. O chanceler Wirth pede a todos os partidos politicos e á população que se mantenham firmes e unidos neste momento de tão grave perigo para a patria alemã.

Teem havido conferencias para a formação dum novo gabinete entre o chanceler Wirth, o sr. Stressmann e representantes do partido popular e do partido catolico. Os socialistas democraticos continuam a defender a opinião que o chanceler Wirth deve continuar no poder. O gabinete Wirth deseja submeter a sua acção á apreciação do Reich, depois do que segundo parece o gabinete será reorganizado entrando para ele representantes do partido popular que representam homens de negocio, a grande industria e um conservantismo moderado. O gabinete continuará provavelmente sob a presidencia de Wirth.

A opinião dos liberais e democraticos é que a perda da Alta Silesia vai entregar o paiz nas mãos dos reacionarios. O chanceler Wirth mostra-se extraordinariamente fatigado e desanimadissimo com a solução da questão da Alta Silesia, dizendo que a sua leal tentativa de fazer uma politica democratica de concorrer para a rehabilitação economica da Alemanha e do mundo foi extraordinariamente prejudicada pela solução dada á questão da Silesia a que ele chama uma calamidade europeia. O chanceler e a maioria do povo alemão compreenderiam e aceitariam que fossem anexados á Polonia os distritos de Pless e Rybnik que mostraram no plebiscito uma indiscutivel maioria polaca, mas a perda de cidades absolutamente alemãs como Kattowitz Koenigshuetts e Bouthan que demonstraram no mesmo plebiscito uma esmagadora maioria de alemães e cuja cultura, educação e pensamento são inteiramente alemãs é um doloroso desapontamento que eles nunca esperaram e que prejudicou toda a politica do gabinete que tão sinceramente se esforçou por cumprir o ultimatum dos aliados.—(R.).

DE BERLIM

O uso de uniforme no exercito e na marinha

BERLIM, 14.

Foi publicado um decreto estabelecendo o uso do uniforme no exercito e na marinha. Fora de serviço os oficiais so poderão vestir os seus uniformes para assistir a cerimonias religiosas, festas solenes de familia, festas regimentais e solenidades oficiais. — (U. P.).

O PROBLEMA IRLANDÊS

Uma entrevista com o presidente do Parlamento da Irlanda

"DESEJAMOS A LIBERDADE PELA QUAL OS IRLANDESES TÊM JÁ HA TEMPOS O COSTUME DE MORRER"

Quando o governo britanico convidou o Dail Eireann a uma conferencia para assentar as bases da paz entre a Inglaterra e a Irlanda, julgou-se que o problema irlandês iria ter uma solução rapida.

Mas a questão prolongou-se longamente e o seu interesse foi morrendo; agora, na vespera de uma nova reunião, que desta vez será decisiva, queremos crê-lo, as atenções começam de novo a concentrar-se em torno desse povo, que ha seculos luta incançadamente pela sua liberdade.

Marcel Days entrevistou para o «Excelsior» o presidente do parlamento irlandês O' Ceallaigh.

«E' um erro, disse O' Ceallaigh, o boato de que elementos estremistas do parlamento procuram fazer malograr a conferencia proxima; o Dail Eirearnn é unanime em desejar o sucesso de negociações leais, as unicas que podem resolver o problema irlandês. O sentimento geral da Irlanda é a favor da paz; mas a Irlanda não quere uma paz a todo o transe, adquirida a troco dos seus direitos imprescindiveis. Quere uma paz justa, uma paz honrosa.

A solução do Estatuto dos Dominios talvês fosse aceitavel ha cinco anos; daria um resultado perigoso. A Irlanda não pode ser assimilada a um Dominio nem de facto, nem de direito.

Nunca foi uma colonia inglesa.

E' verdade que os ingleses e os escoceses tentaram colonizar o norte da Irlanda; mas esta resistiu sempre á invasão. Se ha uma maioria inglesa, mantida artificialmente em Belfast, na totalidade do Ulster a maioria é irlandesa.

A Irlanda não pode admitir a divisão da sua unidade. Sob o ponto de vista geografico, economico, etnografico e historico, o Ulster é parte integrante da Irlanda. Foi um principe do Ulster, herdeiro dos antigos reis da Irlanda, que dirigiu no seculo XVII a ultima grande guerra a favor da independencia irlandesa.

Foi no Ulster, mesmo em Belfast, que nasceu, depois da revolução francesa, o primeiro movimento republicano irlandês.

Seria o mais grave dos erros politicos e economicos estabelecer entre o Ulster irlandês e o resto da Irlanda uma separação arbitraria.

A separação não é reclamada pelo povo do Ulster, mas por certos elementos ingleses, que desejam entreter em Irlanda uma causa permanente de tumultos e discordias, pretexto para a ocupação militar e recusa da autonomia irlandesa.

A politica irlandesa, a respeito do Ulster, é clara. O governo irlandês actual não tem a menor intenção de dominar o Ulster, que estima com uma simpatia fraternal. Nós não queremos dominar o Ulster. Nem fôrça nem represalias. O Ulster gozará, no seio da federação irlandesa, da maior autonomia compativel com a soberania nacional. Ele terá participação nesta, com a maior independencia, sem restrição nem reserva.

A Irlanda está disposta a dar aos seus vizinhos, que deseja ter por amigos, todas as garantias necessarias, a uma neutralidade simpatica.

Se esta não fôr suficiente, a Irlanda independente não teria duvidas nenhumas no estabelecimento dum pacto defensivo, verdadeira aliança que garantisse ao mesmo tempo contra qualquer agressão exterior, as liberdades e os interesses legitimos dos povos irlandeses e ingleses, naturalmente solidarios. Todas as formas de colaboração lial continuarão sendo possiveis entre a Inglaterra e a Irlanda, respeitosas das suas liberdades e dos seus interesses reciprocos.

De cada lado do muro que separa estas duas raças profundamente distintas, ha logar tanto para a liberdade como para um entendimento comum, a favor de interesses solidarios ou contra perigos comuns. A nenhum ser rasoavel será possivel convencer de que a partilha de perigos e interesses comuns implique obrigatoriamente a anexação do mais pequeno pelo maior, a opressão do mais fraco pelo mais forte.

A conferencia pode malograr-se. Mas a culpa não será nossa, porque trabalhamos com o maior desejo de pacificação. Não fazemos diplomacia subtil. Jogamos honestamente, com as cartas na meza. Queremos viver livres. Senão, consentiremos ainda em morrer pela liberdade da Irlanda... Ha já seculos que temos esse costume.»

CAFÉ MALTE VATEL

DE CEVADA GERMINADA

Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina

Não confundir com o café de cevada vulgar

Companhia de navegação

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

PINTO & SOTTO MAIOR

Rua do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

PREVENDO GUERRAS?

CONTRUIU-SE EM LONDRES UM AEROPLANO DE GUERRA MOVIDO POR UM MOTOR DE 960 H. P

Vão fazer-se experiencias com toda a equipagem a bordo — Artilheiros podem lançar bombas de compartimentos blindados — O peso é de 10 toneladas

LONDRES, 14

Um novo aeroplano de guerra gigantesco, um dos mais maravilhosos aparelhos até hoje construidos na Inglaterra, vai fazer experiencias com toda a sua equipagem a bordo. Artilheiros e bombardeiros alojados em compartimentos blindados dos dois lados do aeroplano, farão exercicios de tiro e lançamento de bombas. O novo aeroplano é movido por um motor de 960 H. P. e, a despeito do seu enorme peso de 10 toneladas, é capaz de voar com uma grande velocidade.—(U. P.)

Ha ou não vida na lua?

Uma refutação ás afirmações do sabio Pickering

PARIS, 14

O sr. Pigourdan, director do Observatorio de Paris, refuta as opiniões expendidas pelo professor Pickering, de New-York, sobre a existencia de vida na lua, porque, sendo aste astro desprovido de atmosfera, não pode aí existir vida animal nem vegetal. — (U. P.)

Banco Nacional Ultramarino

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado:
Esc. 24.000:000$00
Fundos de reserva:
Esc. 26.000:000$00

Assembleia Geral Extraordinaria

Por ordem do Ex.mo Sr. Vice presidente da Mesa da Assembleia Geral, é convocada a mesma assembleia para, em seguimento dos trabalhos da Assembleia Geral Extraordinaria, interrompidos em 10 de Setembro p. p., reunir, no edificio do Baaco, no dia 22 do corrente, pelas 14 horas:

Assunto: «Circulação Fiduciaria nas Colonias».

Lisboa, 12 de Outubro de 1921.

(a) *Francisco Mendonça de Sommer*

EM CAMPO DE OURIQUE

DESABA UM PREDIO EM CONSTRUÇÃO

TRES MORTOS E TRES FERIDOS---NOS ESCOMBROS HÁ AINDA MAIS GENTE

O desastre de hoje confirmou, de um modo absoluto, tudo quanto o "Diario de Lisboa" disse ácerca da fórma como se estão construindo as edificações modernas

Recentemente, ocupou-se o *Diario de Lisboa* da forma como se está construindo em Lisboa, pondo a claro as manobras dos *faroleiros*, designação porque são conhecidos certos mestres de obras que, pretendendo criar uma larga margem de lucros, não se importam com as garantias de solidez das edificações.

Numa entrevista com um engenheiro da Camara Municipal, fizeram-se revelações bem graves acerca da segurança dos habitantes dos bairros excentricos, apresentando-se, ao mesmo tempo, alvitres que, uma vez postos em execução, talvez tornassem maiores as condições de segurança que a Lisboa nova oferece.

Depois, numa outra entrevista, com o sr. Joaquim Cardoso, secretario geral da Federação da Construção Civil, mais revelações se trouxeram a publico, insistindo o *Diario de Lisboa* porque a Camara Municipal tomasse promptas e energicas providencias.

Importancia alguma deram, então, ás nossas palavras. Agora, que se começa a evidenciar a razão que a elas assiste, possivel é que essa indiferença se mantenha.

No entanto, á hora a que escrevemos, já se encontram tres cadaveres na Morgue e tres feridos no hospital. Que diz a isto a vereação, uma das peores que tem ocupado o municipio de Lisboa? Que dizem a isto os mestres de obras, que admitem na corporação individuos que, pondo de lado os mais rudimentares principios de humanidade, acima de tudo colocam a sua ganancia ilimitada?

Como se deu o desastre

Em Campo de Ourique, numas terras denominadas *do Sabido*, estão em construção varios predios que constituem a rua n.º 3 daquele bairro. Hoje, cerca das 10,45 a gente do sitio foi alarmada por um ruido formidavel, constando, pouco depois, que havia abolido parte do predio que tem a fachada para a rua Pereira e Sousa, e uma das paredes laterais para a referida rua n.º 3.

Efectivamente, a essa hora, quando o pessoal da obra, constituido por seis pedreiros, sete carpinteiros e dez serventes, estava a trabalhar, disseminado pelos andaimes, construidos com madeiras delgadas, em mau estado, fôra surpreendido pela derrocada, verificando-se logo que havia desastres pessoais.

Estabelecido o alarme, juntaram-se no sitio centenas de populares, que prudentemente se conservaram a distancia, pois receiava-se que o resto do predio abatesse. A parte que abatera, que deitava para a rua n.º 3, constituia, agora, um colossal monte de entulho, de onde partiam aflitivos brados de socorro. No primeiro andar, uma mulher com uma criança, pedia que a salvassem, tendo-lhe valido Carlos de Brito, operario de uma obra proxima que, para a pôr a salvo, arriscou a vida. Os guardas 1771, 2017 e 1648, que se encontravam nas imediações, tambem muito contribuiram para que se não dessem novos desastres, pois alguns populares, ainda não terminada a derrocada, pretendiam penetrar no local do sinistro.

Chegam os primeiros socorro

Pouco depois, começaram a aparecer socorros. Dos bombeiros municipais, chegou uma brigada de 25 homens, comandada pelo comandante do corpo, sr. Carlos Pa[illegible]nte, pelo ajudante interino, sr. João Baptista Ribeiro, e pelos chefes de divisão e secção, Marcelino e Santos.

O batalhão de caminhos de ferro, que proximo tem o seu aquartelamento, enviou 80 praças, dirigidas pelo sr. tenente coronel Raul Esteves e pelo sr. major Anjos. Da esquadra dos Terremotos compareceram 15 policias, sob as ordens do chefe Alves, tendo aparecido, em grande numero, bombeiros municipais das quatro divisões. A Cruz Vermelha, a Cruz Branca de Campo de Ourique e o Corpo de Salvação Publica de Campolide enviaram grande parte do seu material de salvação.

Cêrca do meio dia, iniciaram-se os trabalhos de salvação. A multidão, contida a custo por praças da G. N. R. e policias, foi afastada do local do sinistro, começando-se a trabalhar activamente na remoção dos escombros. Merece de justiça dizer que todos os que nesse trabalho colaboraram, revelaram o maior espirito de sacrificio.

Tiram-se dos escombros as primeiras vitimas

Durante algum tempo todos os esforços foram infrutiferos. Falava-se de gente subterrada no entulho, mas ninguem aparecia. Finalmente, pouco depois da uma hora, retiraram-se dois cadaveres. Um, irreconhecivel, estava feito num bolo; do outro, a despeito de ter a cabeça e rosto mutilados, conseguiu-se averiguar a identidade. Chamava-se Simão Rosa e era carpinteiro. Quanto a feridos, encontraram-se três: José Marques, Joaquim Matos Rosa e Alipio Nunes Correia. Os dois ultimos receberam o primeiro tratamento no posto da Cruz Branca, em Campo de Ourique, seguindo depois, em estado bastante grave, para o hospital de S. José.

Quando abandonámos o local do sinistro, constava que, entre os escombros ainda se encontravam algumas pessoas. Assim, indicavam-se dois operarios que trabalhavam no predio e que ainda não tinham aparecido: José Gaspar, de 32 anos, carpinteiro, casado com Maria Rosa e morador na rua Correia Teles; e Jacinto Bacalhau, solteiro, de 22 anos, carpinteiro.

Os responsaveis pelo sinistro

Procurando averiguar a quem pertencia a responsabilidade do tragico acontecimento, soubemos que a obra pertencia a dois mestres de obras, irmãos, chamados Luiz e Jacinto Martins, que tinham constituido uma sociedade de construções civis, que girava sob a firma Martins & Martins. Esses dois individuos parece que chegaram a ter ordem de prisão, tendo-se conseguido evadir. No entanto, a policia de investigação recebeu á tarde ordem de os capturar, tendo instruções para proceder energicamente neste caso. O predio derrocado começara a ser construido há um ano, pouco mais ou menos, nele se empregando, sem sombra de rebuço, materiais de ruim qualidade. O andaime que cobre a fachada que deita para a rua Pereira e Sousa é constituido com taboas delgadissimas, constituindo um verdadeiro perigo trabalhar nele. Os dois irmãos, bastante conhecidos por façanhas de genero identico, parece que têm outras obras em condições iguais a esta, que tantas vitimas causou.

E' retirado dos escombros mais um cadaver

Entre as 15 e 15,20, os bombeiros, auxiliados pelos soldados do batalhão de caminhos de ferro, descobriram mais um cadaver. O craneo está dividido em duas partes, o que torna dificil a identificação. O cadaver estava em posição horizontal, parecendo que a morte foi instantanea. Seguiu para a Morgue num dos automoveis da Cruz Vermelha.

O predio vai ser completamente abatido

Como dissémos no principio desta noticia, a derrocada só abrangeu parte da construção. O resto ficou de pé, apresentando, porêm, varios indicios de que não o estará durante muito tempo. Em face disso, o sr. comandante dos bombeiros determinou que a obra seja completamente demolida.

Durante todo o dia o local do sinistro foi visitado por milhares de pessoas, sendo unanimes os protestos contra a forma como se estão construindo os bairros novos. Não faltou quem profetizasse, para data breve, novos desastres. Entre os operarios das obras proximas a indignação atingiu o maximo, constando-nos que a Federação da Construção Civil vai intervir energicamente no caso.

A's 17,20 chega-nos a informação de que vai ser abatida uma das empenas, a fim de mais facilmente se descobrirem os cadaveres dos operarios Jacinto Bacalhau e José Gaspar.

Uma manifestação operaria

Um artigo do jornal "A Manhã"

Cêrca de 2.000 operarios que trabalham no Bairro Operario do Arco do Cego, abandonaram esta tarde o serviço e dirigiram-se á sede do seu sindicato, na Calçada do Combro, a fim de protestarem contra um artigo inserto no nosso colega «A Manhã», onde se classificam de vadios os operarios.

Depois de terem pronunciado pequenos discursos varios oradores, que se insurgiram contra a local do referido jornal, foi aprovada uma moção nomeando uma comissão para ir pedir a retratação do autor da noticia, a fim de o chamar á responsabilidade, visto que se os operarios não trabalham mais é unicamente por falta de material.

A redacção do jornal «A Manhã» encontra-se guardada por forças de cavalaria da G. N. R.

As autoridades de Aveiro desavindas

Um telegrama ao sr. ministro do Interior

No Gabinete dos Reporters, foi recebido o seguinte telegrama:

ESPINHO, 13, ás 16,20.—Aos srs. ministro do interior e governador civil de Aveiro, enviei os seguintes telegramas: Peço urgentes providencias contra a autoridade administrativa deste concelho, que se intrometeu nas atribuições da Camara Municipal, prendendo os empregados e ordenando desobediencia ás posturas municipais. Protesto e exijo o cumprimento e respeito pelo artigo 66.º da Constituição da Republica Portuguesa.

O administrador, com estas arbitrariedades, pretende evitar a cobrança de impostos dos seus apaniguados politicos; desde ha meses que vem praticando abusos de autoridade que desprestigiam a Republica e aviltam quem o aboleta.

(a) Pela comissão administrativa, *José de Oliveira Salvador.*

O presidente da Junta de Credito Publico reassumiu hoje as suas funções

O sr. dr. Fernandes Costa reassumiu hoje as funções de presidente da Junta de Credito Publico.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

Estando quasi completa a assignatura para as primeiras representações, a empresa resolveu abrir nova *assinatura* para as 7 primeiras

Recitas Elegantes

que se realisam ás terças-feiras com os seguintes originais portugueses em 1 acto: Na 1.ª—**A Prima Rosa quer casar**, farça de D. Maria Isabel Sousa Martins. Na 2.ª—**Neve d'Abril**, de D. Tereza Leitão de Barros, 1.º premio do concurso da *Capital*. Na 3.ª—**Corpo e alma**, de Alfredo Gameiro, 2.º premio. Na 4.ª—**O Degredado**, de Antonio Pinto de Almeida, 3.º premio. Na 5.ª—**Alma antiga**, de D. Maria Fernanda de Castro, 4.º premio. Na 6.ª—**Noite perdida**, de Henrique Roldão. Na 7.ª—Uma peça classica.

As peças serão precedidas de pequenas palestras e os espectaculos completados por peças de repertorio ou por partes de concerto.

A abertura do teatro realisa-se brevemente com a peça italiana **Mario e Maria**.

Bilhetes á venda para as primeiras representações.

Além-mar

Tabela de valores de exportação na Guiné

Foi mandado ouvir o governador da Guiné, ácêrca do pedido do comercio daquela provincia, para ser mantida a mesma tabela de valores para a exportação das oleaginosas, em virtude da nova tabela agora organizada, de harmonia com as altas cotações, lhes trazer graves prejuizos, visto as suas mercadorias estarem vendidas pela tabela anterior.

Um "modus vivendi" com a União Sul Africana

Consta que, por agora, apenas vai ser negociado um «modus-vivendi» com a União Sul Africana, ficando para depois a negociação dum novo convenio entre a provincia de Moçambique e o Transvaal.

Milho para a metropole

O governador de Moçambique comunicou ter saído dali, para a metropole, o vapor «India» com 2:898 toneladas de milho.

A questão de Macau

O sr. ministro das Colonias ocupar-se-há do conflito na conferencia de Washington

O sr. ministro das Colonias com o delegado tecnico que o acompanha á Conferencia Internacional em Washington, está coligindo todos os elementos necessarios que hão de constituir o «dossier» referente á importante questão de Macau, de que o sr. Ferreira da Rocha vai ali tratar.

Espectaculos

S. CARLOS—Fechado.
NACIONAL—Fechado.
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
GIMNASIO—A's 21,30—«A Labareda».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
EDEN—Fechado.
CHIADO TERRASSE—Fechado.
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20,30 e 22,30—«Tic-Tac».

SALAO FOZ—Animatografo e variedades.
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALAO IDEAL—Animatografo.
SALAO CENTRAL—Animatografo e concerto.

Bolsa de Lisboa

Dia 14

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	46$00	49$
s/Londres cheque	6 1/4	6 1/8
» 90 d. v.	6 3/8	—
Rio s/Londres	8 1/8	—
s/ Paris	714	728
s/ Italia	385	393
s/ Belgica	713	728
s/ Suissa	1841	1879
s/ Espanha	1331	1360
s/ Berlim	70	75
s/ Holanda	3300	3407
s/ Nova York	9948	10151
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1/2 0/0	—
» » » Portugal	7 1/2 0/0	—
Agio do ouro	800	900